

**A “SOLTEIRONA” NA SÉRIE BRIDGERTON DA NETFLIX:  
subversão e reinvenção de estereótipos no contexto social do  
século XIX**

**THE “SPINSTER” IN NETFLIX'S BRIDGERTON SERIES:  
subversion and reinvention of stereotypes in the social context of  
the 19th century**

Lucas Matheus Araujo Bicalho<sup>1</sup>  
Luis Fernando de Souza Alves<sup>2</sup>  
Stefany Reis Marquioli<sup>3</sup>  
Guilherme Carvalho Vieira<sup>4</sup>  
Daniely Santos Ramos Costa<sup>5</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda a série *Bridgerton*, que se passa na sociedade londrina do século XIX, e explora normas sociais que regulam o feminino. Mulheres solteiras eram estigmatizadas, sendo consideradas fracassos em um sistema patriarcal onde matrimônio e maternidade eram imperativos sociais. A série desafia essas expectativas por meio da personagem Penelope Featherington. Analisamos o papel de solteirona a partir dessa jovem que recusou o casamento precoce imposto pela sociedade. A série ressignifica a visão de mulheres como solteironas. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, utilizando a análise de conteúdo conforme proposta por Laurence Bardin (2020). O aporte teórico inclui referências sobre questões de gênero e o papel histórico de mulheres vistas como solteironas, proporcionando um suporte crítico às análises realizadas.

**Palavras-chave:** Bridgerton. Casamento. Mulheres. Penelope. Solteirona.

**ABSTRACT:** The article deals with the *Bridgerton* series, set in 19th-century London society, and explores social norms regulating the feminine. Unmarried women were stigmatized and considered failures in a patriarchal system where marriage and motherhood were social imperatives. The series challenges these expectations through the character Penelope Featherington. We analyze the role of the spinster through this young woman who refused the early marriage imposed by society. The series reframes the view of women as spinsters. The methodology adopted is qualitative in nature, using content analysis as proposed by Laurence Bardin (2020). The theoretical framework includes references to

---

<sup>1</sup>Mestrando em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH). E-mail: [bicalholucas7@gmail.com](mailto:bicalholucas7@gmail.com).

<sup>2</sup>Mestre em Sociedade, Ambiente e Território. Universidade Federal de Minas Gerais. Email: [luisf3@gmail.com](mailto:luisf3@gmail.com)

<sup>3</sup>Mestranda em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH). E-mail: [stefanymarquioli@gmail.com](mailto:stefanymarquioli@gmail.com).

<sup>4</sup>Mestre em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. Email: [guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com](mailto:guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com)

<sup>5</sup>Mestranda em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH). E-mail: [rdaniely44@gmail.com](mailto:rdaniely44@gmail.com)

gender issues and the historical role of women seen as spinsters, providing critical support for the analysis carried out.

**Keywords:** Bridgerton. Marriage. Women. Penelope. Spinster.

## INTRODUÇÃO

A série *Bridgerton* tornou-se um fenômeno global exibido pela Netflix, que, inspirada nos romances de Julia Quinn, transporta os(as) espectadores(as) para a sociedade londrina do século XIX. A história se passa em meio aos bailes e escândalos da alta sociedade da Regência, mostrando as complexas normas sociais da época, sobretudo quanto ao papel das mulheres. Nesse contexto, as exigências em torno do casamento eram implacáveis para as mulheres: casar-se e ter filhos não era apenas uma aspiração, mas uma imposição social e, geralmente, também uma necessidade financeira. As mulheres que permaneciam solteiras, conhecidas como "solteironas", eram constantemente ridicularizadas e marginalizadas, sendo vistas como fracassos na sociedade patriarcal. No entanto, *Bridgerton* rompe com esses paradigmas ao apresentar personagens como Penelope Featherington e Eloise Bridgerton, que, apesar de representarem o arquétipo da solteirona, desafiam diretamente o estereótipo de que as mulheres devem se casar para ter valor. Essa abordagem oferece uma nova perspectiva sobre a força e autonomia feminina, que, embora situada no século XIX, ressoa até os dias atuais, onde muitas mulheres ainda enfrentam pressões sociais para se casar.

Com base nisso, observamos que a figura da solteirona, tanto na literatura quanto no cinema, tem sido historicamente associada a conotações negativas, como fracasso, solidão e, sobretudo, exclusão social (Maia, 2013, 2019). No entanto, *Bridgerton* oferece ao(à) espectador(a) uma nova perspectiva sobre o papel das mulheres na sociedade londrina, retratando as solteironas como personagens complexas, inteligentes e, em muitos casos, financeiramente independentes, como exemplificado pela história de Penelope Featherington. Com isso, a seguinte questão é construída: como a série subverte o estigma histórico da solteirona, e quais são as implicações disso para a percepção contemporânea sobre o lugar das mulheres na sociedade? Dessa maneira, a discussão central gira em torno de como essas personagens representam uma forma de resistência às normas sociais

impostas às mulheres londrinas, normas que ainda ecoam nas discussões contemporâneas sobre papéis de gênero, especialmente, sobre a liberdade de escolha das decisões de matrimônio. Dessa forma, a nova abordagem das solteironas, apresentada pela Netflix e pela obra de Julia Quinn, desafia a expectativa tradicional de que todas as mulheres devem se casar, ter filhos e se dedicar exclusivamente ao lar.

Assim, este artigo pretende analisar o papel da “solteirona” na série *Bridgerton*, com foco na personagem Penelope Featherington, jovem que se recusou ao casamento precoce imposto pela sociedade, desafiando as normas estabelecidas. Dessa forma, o propósito central do estudo é examinar como a série ressignifica a visão das mulheres estigmatizadas como “solteironas”, considerando o contexto histórico e social do século XIX. Ademais, pretende-se explorar de que maneira essas representações dialogam, direta ou indiretamente, com as discussões contemporâneas sobre as escolhas de vida e o papel das mulheres na sociedade. Para tanto, a abordagem adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, com base em uma leitura crítica da narrativa da série *Bridgerton*, focando nas personagens que se encaixam no perfil de solteirona. A análise será conduzida à luz da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2020), além de contar com bibliografia que aborda questões de gênero e o papel das mulheres vistas como solteironas. A relevância desta pesquisa justifica-se pela oportunidade de explorar como uma produção cultural contemporânea pode revisitar discussões históricas e sociais importantes, como o papel das mulheres na sociedade e as obrigações impostas em torno do casamento. Nesse contexto, a figura da solteirona, historicamente marcada por estigmas, torna-se um objeto de estudo crucial para compreender como as normas de gênero são criadas, perpetuadas e desafiadas ao longo do tempo.

## **1. PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: breve considerações**

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se o método qualitativo de revisão de literatura, uma abordagem que busca aprofundar a compreensão de fenômenos socioculturais. Nesse contexto, utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo, conforme delineada por Laurence Bardin (2020). Esta metodologia se destaca por fornecer um conjunto de ferramentas metodológicas adequadas para a análise de discursos variados,

possibilitando uma investigação minuciosa e sistemática dos dados coletados (Bardin, 2020). Em meados da década de 1970, a metodologia de Análise de Conteúdo expandiu-se para diversas áreas do conhecimento, impulsionada pela crescente disseminação dos computadores e pelas primeiras experiências com inteligência artificial, tecnologias amplamente utilizadas no cenário contemporâneo. Dessa forma, observa-se o uso frequente da Análise de Conteúdo, especialmente no campo da comunicação, aplicando-se a análise de discursos jornalísticos, propagandas e produtos audiovisuais, como filmes, séries e animações, entre outras categorias (Franco, 2008).

Sob essa perspectiva, a Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin, destaca-se por revelar ideologias, valores e posicionamentos presentes nos mais diversos meios de comunicação. Essa abordagem possibilita a compreensão de como a indústria midiática tanto reforça quanto critica de maneira incisiva os estereótipos impostos pelas normas sociais, especialmente aqueles direcionados às mulheres em vários contextos sociais. Além disso, a Análise de Conteúdo possibilita comparações entre diferentes meios de comunicação, como a análise de filmes que abordam uma mesma crítica social, mas produzidos em épocas distintas e utilizando formas diversas de expressão. Dessa forma, a metodologia proposta por Bardin (2020) segue um rigoroso processo de codificação e categorização, oferecendo uma ferramenta estruturada para a análise de fontes audiovisuais. Com relação ao referencial teórico, esta pesquisa se fundamenta na história social das mulheres, com base nas abordagens da historiadora Cláudia Maia (2023), a qual realizou um diagnóstico aprofundado sobre o termo “solteirona” e seus desdobramentos no Ocidente até os dias atuais.

## **1. O PODER DE PENELOPE EM DESAFIAR O RÓTULO DE “SOLTEIRONA” EM BRIDGERTON**

Em *Bridgerton*, série estreada em 2020, a sociedade londrina do século XIX é retratada em meio a rígidas expectativas acerca do papel das mulheres, especialmente no que se refere ao matrimônio. Nesse contexto, a pressão familiar para as jovens encontrar um casamento ainda na adolescência emerge como uma força motriz da narrativa, suscitando reflexões sobre as normas sociais da época e os desafios enfrentados pelas protagonistas.

Nas sociedades da época, ser solteira após uma determinada idade era frequentemente interpretado como uma falha, resultando em um intenso estigma social para mulheres como Penelope. O termo “solteirona” carrega uma conotação cultural negativa, insinuando não apenas que a mulher não conseguiu cumprir sua suposta missão social de se casar, mas também que há algo intrinsecamente errado com ela. À vista disso, ser solteira após uma certa idade era visto como uma falha, levando mulheres como Penelope a enfrentarem um estigma social significativo. A expressão “solteirona” carrega uma conotação negativa, sugerindo não apenas que a mulher falhou em sua função social de se casar, mas também que há algo de errado com ela. Para Penelope, essa percepção é acentuada por sua aparência e pelo fato de não se encaixar nos padrões tradicionais de beleza, o que a torna alvo de comentários maldosos e olhares críticos. Consoante a historiadora Cláudia Maia (2023), a representação da mulher celibatária como uma figura indesejada e a construção do estereótipo da “solteirona” para nomeá-la, classificá-la e torná-la visível foram elaboradas em função de um ideal normativo de mulher, casamento e família. As mulheres identificadas como “solteironas” são frequentemente descritas pela historiografia como aquelas que, ao atingirem 35 anos, permanecem solteiras (Maia, 2023).

Para a personagem Penelope, essa questão é intensificada por sua aparência e pelo estilo de suas roupas, frequentemente alvos de risos e zombarias. Assim, sua inadequação aos padrões convencionais de beleza a torna vítima constante de comentários maldosos e olhares críticos ao longo de toda a série. Além disso, a personagem enfrenta intensa pressão dentro de sua própria família. Sua mãe, Lady Featherington, nutre grandes expectativas em relação ao casamento das filhas, o que reforça uma sensação de inadequação e desprezo em relação à Penelope, visto que não consegue, na visão de sua família, arrumar um marido. Dessa forma, em um contexto em que o casamento é considerado o único caminho para o sucesso, a ausência de um pretendente relega Penelope à condição de figura marginalizada, percebida como um “fardo” para a família.

Na época em que se passa a série, as mulheres que não se casavam logo após seu “debut”<sup>6</sup> eram vistas pela sociedade como fracassadas, ficando marcadas pelo estigma de

---

<sup>6</sup> O baile de debutantes londrino é um evento tradicional e simbólico que remonta ao período da aristocracia britânica, conhecido por apresentar jovens da alta sociedade à vida adulta e às esferas sociais da elite. Esses bailes tiveram seu auge entre o século XIX e o início do século XX, alinhados

“solteironas”. Essa nomenclatura ou título não era apenas uma questão social, mas também econômica, uma vez que o matrimônio era o principal caminho de garantir *status* e segurança financeira para as mulheres na aristocracia. Durante a série, nota-se que o termo “solteirona” carrega conotações fortes e negativas. Esse título vai além de um simples rótulo, implicando uma “falha” em cumprir o destino socialmente desejado para uma mulher, que era casar-se e tornar-se uma pessoa respeitável aos olhos da sociedade. Esse ideal feminino é descrito por Margareth Rago (2014) como a “mulher ideal”, isto é, a mulher-esposa-dona do lar e mãe, segundo as normas sociais vigentes. Tal rótulo afeta Penelope não apenas socialmente, mas também psicologicamente, fazendo-a sentir desvalorizada, apesar de sua inteligência e independência. A jovem, em vez de aceitar passivamente seu destino, encontra poder na escrita como Lady Whistledown, utilizando sua pena para expor e criticar uma sociedade que julga todas as mulheres. Sob essa identidade secreta, Penelope conquista uma influência que jamais teria como “apenas uma solteirona” da alta sociedade londrina. Essa dinâmica entre o papel público e o privado é crucial para a narrativa da série, pois evidencia como as mulheres solteiras eram vistas como “inúteis” e, sobretudo, “improdutivas”, em um contexto que oferecia pouco espaço para uma vida independente. Além disso, os sentimentos românticos de Penelope por Colin Bridgerton intensificam esse dilema: embora deseje amor e o casamento, seu medo de ser rejeitada ou ridicularizada em público a mantém como espectadora da vida amorosa.

## 2. UM BREVE CONCEITO HISTÓRICO DO TERMO SOLTEIRONA

Consoante a historiadora Cláudia Maia (2023), em sua obra *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral*, as poucas pesquisas no que se refere ao celibato feminino estigmatizado no Ocidente encontram os primeiros usos do termo “solteirona” em escritos do século XVII, especialmente nas literaturas e dicionários europeus<sup>7</sup>. Esses estudos, consoante a autora, revelam o efeito do capitalismo, que levou à

---

com os valores e costumes da monarquia e da nobreza europeia. O baile de debutantes em Londres tinha como principal objetivo apresentar as jovens mulheres, normalmente entre 17 e 18 anos, à sociedade, marcando sua entrada oficial no mercado matrimonial.

<sup>7</sup> No *Oxford English Dictionary*, o termo é definido como uma mulher que permanece solteira após ultrapassar a idade considerada adequada para o casamento. Historicamente, a palavra carrega uma

decadência do trabalho doméstico realizado por mulheres solteiras, colocando-as na posição de dependentes e consideradas inúteis. Sendo assim, a visão social sobre o termo “solteirona”, segundo Ian Watt (1996), tornou-se algo detestável na Inglaterra a partir do final do século XVII, atrelado ao desenvolvimento do capitalismo, que provocou a valorização do *status* sobre o casamento e da família. Diante disso, no que diz respeito ao termo “solteirona”, Maia (2023) esclarece:

[...] as mulheres que permaneciam celibatárias constituíam, de certa maneira, um elemento desestabilizador - pois, não apenas recusavam os novos papéis destinados a elas (como mães e esposas), mas, também, criavam condições de se constituírem em “indivíduo” para pleitear, de forma mais livre, os espaços de trabalho e para governar a si mesmas e a seus próprios bens; além disso, elas se tornavam exemplos visíveis da possibilidade de existência e de felicidade fora das relações conjugais (Maia, 2023, p. 74).

Podemos observar que as mulheres celibatárias foram retratadas como figuras indesejadas, por não se enquadrarem nas normas sociais da época que definiam a “verdadeira mulher” como aquela que se casava, tornava-se mãe e assumia o papel de dona de casa submissa ao marido. As que resistiam a esse padrão, permanecendo solteiras, eram vistas como “contrárias à natureza” ou “difíceis”, e o termo “solteirona” emergiu para estigmatizá-las. Como afirma Helena Morley (1988), essas mulheres eram marginalizadas por desviarem-se do ideal normativo de feminilidade que as relegavam ao matrimônio e à submissão dentro do lar. Lee Virginia Chamber Schiller (1984) aponta que o termo para mulheres solteiras (*spinster*) também foi observado nos Estados Unidos, onde “solteira” passou a designar aquelas que nunca se casaram desde o século XVII. Nesse contexto, o casamento era uma das poucas vias para que as mulheres alcançassem certa independência, possibilitando que tivessem suas próprias casas. No entanto, dentro da cultura patriarcal da época, filhas solteiras eram privadas de recursos econômicos e da posse de terras. Assim, para sobreviver, muitas recorriam à ocupação de fiandeiras e viviam na casa de parentes, onde realizavam serviços em troca de abrigo. Como destaca Maia (2023), esse arranjo transformava essas mulheres de figuras produtivas em meras reprodutoras, sujeitas às normas e limitações impostas pela sociedade.

---

conotação negativa, refletindo as expectativas sociais de que as mulheres deveriam se casar em determinada fase da vida e, ao não cumprirem esse papel, eram vistas como “fora do padrão” e, por isso, marginalizadas.

Já na França, Cécile Dauphin (1984) examina o desenvolvimento do estereótipo da *vieille fille* (mulher solteirona ou “solteironas”). Segundo a autora, esse estigma se cristalizou ao longo do século XVII, impulsionado pelo surgimento dos primeiros dicionários na Europa. No entanto, com as transformações sociais do século XIX, iniciou-se a decadência do *status* das mulheres celibatárias, acompanhada pela construção do estereótipo da solteirona no imaginário coletivo. Os adjetivos pejorativos atribuídos às mulheres solteiras, segundo Cécile Dauphin (1984), já circulavam na cultura ocidental, mas foi somente no século XIX que o termo “mulher solteira” e seu estigma social passaram a ser amplamente utilizados na França. No Brasil, o uso desse termo para designar mulheres que não se casaram surgiu um pouco mais tarde. Ronaldo Vainfas (1989, p.69), em seus estudos sobre o período colonial brasileiro, distingue os termos utilizados no Brasil e em Portugal para se referir às mulheres não casadas. Para Vainfas, o termo “celibatária” designava uma mulher que desejava se casar ou que optou por permanecer casta, sem vínculos religiosos. Por outro lado, a expressão “mulher solteira”, registrada em documentos coloniais, refere-se a “mulheres sem marido” e “mulheres públicas”, tornando-se sinônimo de “meretriz”. Ainda na perspectiva mulher solteira “[...] não possuía na época o significado que hoje lhe atribuímos de mulher não casada. Solteira era mulher desimpedida, livre, sem proteção da família ou do marido, passível de envolver-se em quaisquer relações amorosas ou sexuais” (Vainfas, 1989, p.69). Com isso, somente a partir do final do século XIX, o termo “solteirona” como representação de uma mulher vista como desprezível cristalizou-se em diversos âmbitos de discursos no Brasil, como na literatura que passou a apresentar várias mulheres “solteironas”, nas obras de José de Alencar e Machado de Assis, reforçando assim, a representação do celibato feminino estigmatizado no imaginário coletivo (Anjos, 2021).

Ainda sob a perspectiva de “mulher solteira”, Vainfas (1989, p. 69) afirma que “[...] não possuía na época o significado que hoje lhe atribuímos de mulher não casada. Solteira era mulher desimpedida, livre, sem proteção da família ou do marido, passível de se envolver em quaisquer relações amorosas ou sexuais”. Assim, foi apenas a partir do final do século XIX que o termo “solteirona,” como representação de uma mulher considerada desprezível, se cristalizou em diversos âmbitos discursivos no Brasil. Na literatura, esse estigma foi refletido em várias obras de José de Alencar e Machado de Assis, que passaram a apresentar diversas personagens “solteironas”, reforçando a imagem do celibato feminino



estigmatizado no imaginário coletivo (Anjos, 2021). Dessa forma, ao considerarmos o desenvolvimento dos termos “mulher solteira” e “solteirona”, podemos perceber que a série *Bridgerton* realiza uma crítica contundente às normas sociais que regem a vida das mulheres, especialmente no que diz respeito aos seus corpos. A personagem Penelope simboliza a resistência feminina, ao recusar a se casar por obrigação ou *status* social, tornando-se a protagonista de suas próprias escolhas e vontades. Assim, ela desafia os estigmas sociais associados à figura da “mulher solteirona”, promovendo uma reflexão sobre a liberdade e a autonomia feminina em um contexto que frequentemente impõe limitações.

### **3. ANÁLISE DE CONTEÚDO A PARTIR DE ALGUMAS CENAS DA SÉRIE BRIDGERTON**

A Análise de Conteúdo (AC) envolve diferentes fases estruturadas. Conforme Bardin (2020), essa metodologia se organiza em três etapas cronológicas: a pré-análise do material; o tratamento dos resultados; e a interpretação do conteúdo. A seguir, descrevemos as principais etapas da Análise de Conteúdo (AC):

- a) **Pré-análise:** possui três etapas: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise (*corpus*), a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.
- b) **Exploração do material:** o conteúdo é analisado minuciosamente, permitindo a identificação e organização de informações relevantes. O primeiro passo é a codificação, seguida pela categorização das unidades em categorias temáticas, visando responder às questões da pesquisa. Em seguida, pode-se optar pela quantificação, que envolve a contagem das ocorrências em cada categoria, visando compreender sua relevância.
- c) **Resultados e interpretações:** a última fase envolve a organização, análise e interpretação dos dados coletados. Para isso, é feito a organização com tabelas ou gráficos que facilitem a visualização dos resultados; análise crítica dos dados e a apresentação das conclusões, com as discussões teóricas encontradas na pesquisa.

Nesse sentido, selecionamos dois episódios da série *Bridgerton* para a análise: um da primeira temporada e um da terceira. A escolha desses episódios se justifica pela importância dos eventos que neles ocorrem e pela maneira como refletem as dinâmicas sociais e os desafios enfrentados pelas personagens femininas. Na terceira temporada, a narrativa se concentra especialmente na personagem Penelope Featherington, que se torna o foco deste estudo. No primeiro episódio da primeira temporada, intitulado *O Diamante Raro*, o estigma em relação à solteirice e a intensa pressão para encontrar um marido são temas centrais da narrativa. O episódio retrata a temporada de casamentos, onde jovens debutantes da alta sociedade são apresentadas a possíveis pretendentes. A partir desse contexto, a série ilustra as fortes expectativas sociais em relação ao matrimônio, especialmente para as mulheres, avaliadas com base na obrigação de atrair um marido por meio de sua beleza e feminilidade.

Penelope Featherington enfrenta o estigma associado ao seu *status* de mulher solteira, especialmente após seu primeiro baile como debutante, onde não conseguiu cumprir a expectativa de se casar. Durante os bailes e eventos da alta sociedade, ela é frequentemente ignorada e menosprezada em comparação com suas amigas, que são consideradas mais desejáveis devido a seus corpos esguios. Esse desinteresse por parte dos pretendentes transforma Penelope em alvo de críticas sociais, levando-a a sentir culpa por não atender às normas e expectativas da sociedade da época. No primeiro episódio da terceira temporada, intitulado *A Flor Despertou*, a relação de Penelope Featherington com sua mãe e irmãs reflete as pressões sociais impostas às mulheres solteiras na sociedade londrina da época. Durante uma conversa em família, sua mãe, Portia, faz comentários depreciativos sobre Penelope, insinuando que ela está destinada a ser a “solteirona” da família, responsável por cuidar da mãe e das irmãs. Portia Featherington chega a compará-la à falecida tia Petúnia, que também morreu solteira. Essas palavras pesam profundamente sobre Penelope, intensificando seu medo de permanecer sozinha e sua determinação de mudar essa realidade.

As conversas entre Penelope e suas irmãs, Philippa e Prudence Featherington, revelam a complexa dinâmica familiar que permeia sua condição de solteira. Enquanto as irmãs estão casadas, desfrutando de suas novas vidas e à espera de filhos, Penelope se vê cada vez mais isolada. Ao longo da série, elas frequentemente a menosprezam e

ridicularizam, reforçando o estigma associado à solteirice e intensificando a sensação de estranheza que a jovem experimenta dentro da própria família. Essas interações criam um cenário emocional complexo para Penelope, que enfrenta simultaneamente a pressão para se casar e a busca por sua própria identidade em uma família que não valoriza sua individualidade. Dessa forma, os diálogos entre Penelope, sua mãe e suas irmãs são fundamentais para compreender sua jornada de autodescoberta e resistência aos estigmas sociais que cercam a condição de solteira na série. Com base nessas observações sobre a narrativa audiovisual da série *Bridgerton*, a Tabela 1 apresenta dados quantitativos relativos aos termos pejorativos associados a mulheres que escolheram não se casar, nem assumir os papéis de mãe ou dona de casa. O objetivo é mostrar ao(à) espectador(a) os termos mais recorrentes na série para descrever Penelope e outras personagens que receberam o “título de solteirona”.

**Tabela 1: Frequência de termos pejorativos relacionados a mulheres solteiras<sup>8</sup>**

TERMO PEJORATIVO	DESCRIÇÃO DO CONTEXTO	EPISÓDIO 1 - 1ª TEMPORADA	EPISÓDIO 1 - 3ª TEMPORADA
Solteirona/Solteirice	Crítica por não ter se casado	3	5
Encalhada	Fracasso em atrair pretendentes	2	4
Desinteressante	Falta de atrativos para casar-se	2	3
Invisível	Ignorada ou deixada de lado pela sociedade	2	5
Sem futuro	Comentário sobre ausência de perspectivas matrimoniais	2	3

<sup>8</sup> Outros termos surgem ao longo de diferentes capítulos e temporadas, referindo-se aos corpos e à aparência das mulheres na sociedade londrina, fatores frequentemente associados à ausência de casamento.

Velha para casar-se	Referência a idade avançada para o casamento	1	3
Deixada de lado	Sugere que foi superada por outras mulheres	2	3
Fracassada	Alusão ao fracasso por não cumprir papéis tradicionais	3	5
Bicho-do-mato	Sugere isolamento social ou falta de sociabilidade	1	3
Amarga	Atribuição de uma personalidade ressentida	1	4

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela evidencia como a sociedade londrina, retratada em *Bridgerton*, utiliza uma linguagem pejorativa para estigmatizar mulheres solteiras, refletindo as pressões e expectativas sociais e culturais do período. A análise dos episódios revela um recrudescimento na frequência de termos depreciativos entre o episódio 1 da primeira temporada e o episódio 1 da terceira temporada, indicando um aumento nas expectativas sociais relacionadas ao casamento e ao papel feminino na família. Assim, por meio da historiografia e dos discursos, observa-se que o casamento e a maternidade foram historicamente construídos como elementos fundamentais do “ser mulher”, conforme aponta Tânia Nacarro-Swain (1996, p. 54): “[...] como elementos constitutivos do ‘ser mulher’ enquanto locus ideal do feminino.” Dessa forma, esses aspectos definem o que é considerado a “mulher verdadeira” ou a “mulher ideal”. Logo, na ausência dessas características, as mulheres eram, e infelizmente ainda são, vistas como figuras “incompletas” e/ou “invisíveis”, reforçando a ideia de que a mulher solteira não possui uma projeção social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Bridgerton* não apenas reinterpreta a narrativa das “solteironas” no contexto da sociedade londrina do século XIX, mas também aborda questões sociais e de gênero que continuam a ressoar na contemporaneidade. Ao oferecer uma perspectiva sobre mulheres como Penelope Featherington, que desafiam as normas sociais relacionadas ao casamento e à maternidade, a série convida o(a) espectador(a) a refletir sobre os estigmas associados à condição de ser solteira. Através da personagem Penelope, observa-se que ela utiliza sua inteligência e criatividade para subverter normas sociais e conquistar sua própria voz, desafiando a construção histórica do termo “solteirona” como uma figura marginalizada e sem valor. Essa ação de resistência é notável, pois retrata as “solteironas” como complexas e independentes, contribuindo para uma reavaliação do papel das mulheres na sociedade e, ao mesmo tempo, questionando a narrativa que associa o valor feminino exclusivamente ao matrimônio e à maternidade. Portanto, ao trazer a personagem marginalizada da “solteirona”, *Bridgerton* não apenas ressignifica sua história, bem como promove reflexões e discussões sobre as escolhas femininas em um contexto contemporâneo, onde as pressões sociais em torno do casamento permanecem influentes. A partir disso, a série fomenta diálogos sobre a igualdade de gênero e a redefinição do que significa ser uma mulher livre na sociedade.

## REFERÊNCIAS

**ANJOS**, Daniele Lima dos. **MULHER E SOLIDÃO**: a representação da solteirona em dois contos brasileiros. 2021. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2021.

**BARDIN**, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2020.

**CHAMBERS SCHILLER**, Lee Virginia. **LIBERTY, A BETTER HUSBAND, SINGLE WOMEN IN AMERICA**: The Generations of 1780-1840. Yale University, 1984.

**DAUPHIN**, Cécite. Histoire d'un stéréotype, la vieille fille. In: **FARGE**, A. **DAUPHIN**, Cécite. (orgs.) Madame ou Mademoiselle. Itinéraires de la solitude féminine XVIII - XX. Paris: Montalba, 1984, p. 207-232.

**FRANCO**, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise do conteúdo. Brasília. Liber Livro, 2008.

**MAIA**, Cláudia. **A INVENÇÃO DA SOLTEIRONA**: conjugalidade moderna e terror moral. Niteroi, RJ. Editora Proprietas, 2023.

\_\_\_\_\_. Julia Lopes de Almeida. In: **COLLING**, A. M.; **TEDESCHI**, L. Dicionário crítico de gênero. Dourados. UFGD, 2019, V.1, p. 434-438.

\_\_\_\_\_. **MALDITAS E INSUBORDINADAS**: a solteirona na literatura e em outros discursos. In: **DUARTE**, C. L.; et. al. Arquivos femininos. Ilha de Santa Catarina, Ed. Mulheres, 2013.

**MORLEY**, Helena. Minha vida de menina. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

**NAVARO-SWAIN**, Tânia Nacarro. A invenção do corpo femenino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. Textos de História. Brasília, v.4, n.2, p.130-153, 1996.

**RAGO**, Margareth. **DO CABARÉ AO LAR**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

**VAINFAS**, Ronaldo. **TRÓPICOS DO PECADO**: moral, sexualidade e inquisição do Brasil. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1989.

**WATT**, Ian. **A ASCENSÃO DO ROMANCE**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.